



## Do indivíduo ao discurso

Gabriel Papa Ribeiro Esteves<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo esmiuçar a teoria da práxis elaborada por Pierre Bourdieu e interpretá-la a partir de reflexões de Michel Foucault acerca dos sujeitos e dos discursos, de modo a colocar ambas as perspectivas em interlocução sustentável.

Palavras-Chave: Indivíduo, sujeito, discurso, sociabilidade.

Recebido em 11/08/2017

Aceito para publicação em 09/04/2018

DOI: <https://doi.org/10.25067/s.v22i1.17135>

Excurso acerca do agente cognitivo de Pierre Bourdieu em diálogo com o conceito de Sujeito no pensamento de Michel Foucault

Um dos principais debates da teoria social é aquele que paira sobre o indivíduo, sua ação prática e como isso reverbera numa dinâmica estrutural que influencia estas praxis. A categoria de indivíduo é algo que remete ao projeto moderno que se desenvolveu a partir do iluminismo euro-ocidental do Século XVIII e que só pode ser pensado onde há o reconhecimento do direito de ser humano autônomo a ter liberdades, estas que se ampliam na medida em que são conquistadas em determinadas situações nas quais existem enquanto possibilidades.

A ideia aqui é pensarmos este conceito social humano tão fundamental no projeto euro-ocidental moderno de sociedade, do qual somos herdeiros diretos, o indivíduo, enquanto o resultado de forças sociais em equação com práticas e ideologias dispersas num contexto e normatizadas enquanto discursos legitimados no corpo social.

Porém, mais importante ainda, é entendermos o indivíduo enquanto um ser criativo em potencial, posto que possua uma subjetividade, ou seja, um conjunto de características individuais, singulares que só existem em seu

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara e membro do NESPOM-FClar. Professor do Instituto St<sup>a</sup> Úrsula, Ribeirão Preto – SP. E-mail para contato: gabriel-papa@hotmail.com.

interior, de modo que suas ações são tendenciosas e parciais, portanto suas considerações acerca da realidade partem do ponto de vista pessoal, mas o pessoal só se faz enquanto real dentro de possibilidades concretas na dinâmica do espaço social. O ponto é que estas possibilidades são infundáveis, posto a heterogeneidade de interações que permeiam grupos e indivíduos, porém inclinadas aos interesses e estratégias de sujeitos que ocupam posições de relevância que reverberam a todo o conjunto social uma influência em sua legislação e valoração ética e moral vigentes.

Esta reflexão é importante porque o que opera oculto da realidade aparente pode ser preponderante na gestação do senso das coisas e dos seres, dos objetos e dos sujeitos. A introspecção de si mesmo, a autocritica, o questionamento de valores familiares, sociais e subjetivos, é um reposicionamento do ser (dotado de pensamento e discurso) dado pelo movimento que sua trajetória pessoal faz na sociedade formando e reformando seu caráter num movimento perpétuo. Posto que a autoimagem prática do indivíduo é delineada no entorno social em que ele está inserido, o movimento de sua trajetória possibilitará o surgimento de novas possibilidades no escopo das direções diversas que a cultura poderá tomar na medida em que os indivíduos se reconhecem intersubjetivamente.

Para iniciarmos uma discussão acerca da dinâmica da Sociedade contemporânea, tomamos como referência Pierre Bourdieu, posto que este autor dá sequência ao legado de clássicos interpretes da sociabilidade humana que nos ajudam a esmiuçar as relações sociais, o papel criativo do indivíduo, das instituições e das estruturas dentro do processo. Ele rediscute temas importantes da sociologia, como os clássicos dilemas acerca de agente e estrutura, indivíduo e sociedade, abordado, de maneiras distintas, porém, não necessariamente antagônicas, por Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim, pensadores das Ciências Sociais, que mesmo sendo filhos de tempos passados, continuam reverberando arcabouços teóricos e paradigmas conceituais e interpretativos para refletirmos a sociedade na contemporaneidade, se pensados criticamente.

Em sua obra, Bourdieu entende a sociedade a partir do espaço social, que é o espaço de interação social entre os homens, composto por diversos campos de sociabilidade, no qual estão dispostas posições sociais intimamente ligadas às disposições subjetivas do indivíduo e às tomadas de decisões, as escolhas que os agentes fazem nos domínios mais diferentes da prática (BOURDIEU.1996). Portanto, a interação social acontece no espaço social, que é construído de tal modo que os indivíduos ou grupos aí distribuídos alocam-se em função da sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com princípios de diferenciação, estabelecidos frente ao acesso de grupos e indivíduos aos capitais simbolicamente valorizados em determinados campos de interação social.

No espaço social, a disposição dos agentes sociais está relacionada com o acesso ao capital global, disperso através dos campos e fragmentado em

diversos e variáveis tipos de capitais – tal como: capital econômico; capital cultural; capital social; capital simbólico e capital político – sendo a distribuição e apropriação dos diferentes tipos de capital, disperso no espaço social, pelos indivíduos e grupos, um fator fundamental na estruturação da estrutura social. Afinal, o espaço das posições sociais se retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições. Portanto, a posição ocupada no espaço social, isto é, na dinâmica de alocação de diferentes tipos de capital, comanda as representações desse espaço e as tomadas de posição nas lutas para conservá-lo ou transformá-lo dado um contexto de contínuo conflito de significação e ressignificação através de violência simbólica entre os agentes num movimento dialético, tornando o espaço social a realidade primeira e última já que comanda até as representações que os agentes sociais podem ter dele (Ibidem).

Na concepção deste autor, o que compõe o espaço social como um todo é o conceito categórico de campo, definido como um espaço de sociabilidade estruturado e permeado de conflitos no qual os humanos enquanto agentes sociais, investidos de habitus, conceito que designa a proposição teórica da ação prática dada pela interiorização da externalidade e externalização subjetiva e singular da internalidade pelo indivíduo, ocupam uma posição definida pelo volume e pela estrutura do capital eficiente no campo e pelo quanto conseguem apropriar-se dele, agindo segundo suas posições neste. Cada campo seria dotado de regras de funcionamento próprias, autônomas e interdependentes em relação a outros campos do espaço social e em constante transformação, posto que os indivíduos que o compõem estão interagindo e a interação é o princípio da mudança, é na interação que se realizam revoluções simbólicas, algo que acontece na cognição e subjetividade do homem, nos domínios de sua capacidade criativa dadas as condições e possibilidades e surte efeitos transformadores da realidade. Logo os campos são estruturas estruturantes estruturadas (BOURDIEU. 2000).

Diferentemente do conceito de hábito, que se refere a algo imutável, habitus é uma referência ao conceito aristotélico de hexis que se contrapõe à filosofia estruturalista da ação, pois diferentemente desta, o agente não está reduzido ao papel de suporte da estrutura, o que coloca a reproduzibilidade social do agente em latente evidência, afinal o habitus seria um conhecimento adquirido que indica a disposição incorporada, é a interiorização da exterioridade e a exteriorização da internalidade como dito antes. Isto é, o indivíduo incorpora valores e símbolos do meio em que vive e os reproduz em suas ações e pensamentos enquanto agente social, mas sempre ressignificando a realidade a partir do resultado da intersubjetividade humana, da capacidade de reconhecimento mútuo das subjetividades alheias e suas interferências constantes umas sobre as outras (Ibidem). O habitus tem aspectos psicológicos, sociológicos, culturais e sociais, é o que dá forma a subjetividade humana.

*Retomando a velha noção aristotélica de hexis, convertida*

*pela escolástica em habitus, eu desejava reagir contra o estruturalismo e sua estranha filosofia da acção que, implícita na noção levi-straussiana de inconsciente, se exprime com toda clareza entre althusserianos, com seu agente reduzido ao papel de suporte – Trager – da estrutura(...) eu desejava pôr em evidência as capacidades <<criadoras>>, activas, inventivas do habitus e do agente (que a palavra hábito não diz), embora chamando a atenção para a ideia de que este poder gerador não é o de um espírito universal, de uma natureza ou de uma razão humana, como em Chomsky – o habitus, a hexis, indica a disposição incorporada, quase postural -, mas sim o de um agente em acção. (BOURDIEU, P. 2000, p. 61).*

É no espaço social que se dá a interação social através de diversos campos, e a proximidade dos agentes neste espaço gera habitus aproximados e uma potencialidade objetiva de unidade (BOURDIEU. 1996). Os habitus são gerados direta ou indiretamente pela relação do homem com os campos, grupos e agentes com os quais se relacionam, o que os torna um conceito que interliga estrutura, sociabilidade e agente social, pois estes últimos, se utilizam de suas disposições incorporadas na estrutura interseccionada por eles em suas relações com campos distintos para tomar decisões e criar estratégias, o que torna as tomadas de decisões uma forma de racionalidade cultural, social, moral e simbólica, indicando a singularidade de cada agente, este que não está preso à estrutura, mas está em constante diálogo com ela, transformando-a e sendo transformado ao mesmo tempo, o indivíduo introduz e reproduz o meio em que está inserido, porém ele também transgride a ordem estabelecida de acordo com sua subjetividade e criatividade. A gama de possibilidades de intersecções no indivíduo de valores éticos, morais, conservadores ou progressistas advindos de sua posição relacional no espaço social torna as possibilidades de constituição de habitus infindáveis.

Gilberto Velho (2004) é um autor que desenvolve em sua obra uma reflexão que dialoga de maneira enriquecedora com grande parte dessa teoria social que Pierre Bourdieu (1996) propõe, contribuindo de forma teórico-metodológica para uma interpretação da sociedade capitalista, que ele entende ser uma sociedade com cultura individualista, esta interpretação de Velho (2004) nos ajuda a entender um pouco mais acerca da subjetividade humana na sociedade moderna. Segundo ele, o cenário global atual é, em grande parte, composto por sociedades complexas, que são aquelas em que estão presentes uma heterogeneidade de culturas convivendo no mesmo espaço e sob uma mesma estrutura social, essas sociedades só foram possíveis após a revolução industrial, pois a heterogeneidade cultural se dá a partir da divisão complexificada e diversa do trabalho e da alocação dos lucros produzidos na sociedade, pois o indivíduo situado em determinado lugar da dinâmica social se

apropriada de uma rede de significados de forma individual (subjetividade), sua cultura e sua individualidade são formados necessariamente em relação aos ambientes que frequenta e com os grupos que se relacionam, grupos estes que têm suas próprias redes de significados. Sendo assim a sociabilidade em sociedades complexas se dá a partir de uma dicotomia entre unidade e descontinuidade de sistemas sociais de cultura, pois os indivíduos participam diferentemente de códigos mais restritos ou mais universalizantes, essa diferença é resultado de relações específicas entre o modo de expressão cognitiva e experiências diferenciadas em função de sua localização no espaço social.

Outro ponto importante que é ressaltado neste produtivo debate é o fato de a socialização não se dar apenas a partir das classes sociais, pois se assim fosse, uma vez que o indivíduo nascesse na classe proletária seu desenvolvimento emocional e intelectual estaria determinado e não é isto o que acontece. O conceito de classe deve ser pensado sem que oculte diferenças consideráveis entre categorias e grupos sociais distintos ao enquadrá-los como uma única coisa homogênea, como, por exemplo, deixando de considerar a trajetória social singular de cada indivíduo ou a natureza das redes de relações sociais em que os indivíduos estão socializados.

Visto que a interação com redes de relações mais ou menos amplas e diversificadas afeta o desempenho dos papéis sociais, a classe social influencia e direciona o indivíduo, nunca o determina, na realização e na internalização de uma rede de significados (VELHO. 2004)).

Nesta argumentação de Velho (2004), podemos perceber de forma precisa o conceito de *habitus*, pois para este autor, a partir da sociabilidade, existente num contexto dicotômico entre continuidade e descontinuidade cultural, os indivíduos instituem um *ethos*, termo que designa uma moral imbricada de valores e visões de mundo, e um *eidós*, termo este que designa um modo de vida. Ambos frutos da dinâmica social e meio cultural que cercam o indivíduo, que, ao serem internalizados por este através de sua cognição, constituirão o seu *habitus* e uma cultura individualizada para cada um. Uma vez constituído o *habitus*, os indivíduos irão elencar suas categorias de relevância e entender o mundo a partir dos *habitus*, atribuindo heterogêneamente valores e simbolismos a tudo que os seus sentidos físicos podem captar. É assim que, segundo o autor, os indivíduos estabelecem seus projetos, que são os objetivos traçados por eles visando um determinado fim e definindo suas ações, interesses e estratégias. Assim, se o indivíduo possui objetivos, ele possui escolhas, mesmo que essas estejam enquadradas nas possibilidades de um contexto, e realiza uma escolha pautada nas suas categorias de relevância, que variam de acordo com os valores e simbolismos atribuídos à realidade no processo cognitivo (Ibidem).

Pierre Bourdieu (1996) reflete sobre a dinâmica do funcionamento da sociedade, pensando o agente cognitivo, porém acreditamos que mesmo estas

cognições são historicamente constituídas como possibilidades, e para entendermos isto e podermos articular os conceitos de indivíduo e agente, temos de retomar um autor que pense num sujeito histórico, que pense na genealogia e na concepção da sociedade, este autor é Michel Foucault (1979).

Segundo ele, o sujeito é o indivíduo assujeitado à uma possibilidade de sujeito que possui formações discursivas inerentes a ela, é o indivíduo assumindo um discurso específico esperado dele dadas as posições sociais que ocupa e os poderes que se exercem ao seu redor em todas as direções, poder que é exercido sobre ele e ele também exerce, inclusive ao assumir um discurso. Os sujeitos são construções produzidas pelo social, sendo o social uma materialização de táticas dos sujeitos, que possuem estratégias possibilitadas pelo sistema estrutural em que estão imersos, sistema este que, num processo espiral, é legitimado pelos mesmos sujeitos, que são disciplinados ideologicamente a partir de dispositivos e de relações conflituosas que envolvem o exercício de poder, ou seja, que envolvem todas as relações e práticas humanas em seus níveis macro e micro. O indivíduo é interpelado a ser sujeito, é enquadrado em categorias e atribuições através da inculcação ideológica de práticas e discursos. Logo, toda ideologia acaba por constituir indivíduos concretos em sujeitos. Estas ideologias desencadeiam fortes influências na constituição de estratégias, estas que são ou não levadas a cabo de acordo com as possibilidades dispostas no sistema social.

O conceito de sujeito pode ser pensado aqui como algo forjado de acordo com os poderes exercidos sobre o indivíduo através de outros sujeitos, de instituições e de grupos, estas manifestações de poder são imensuráveis, portanto o sujeito pode ser imprevisível, mas sempre no contexto das possibilidades históricas. A subjetividade aqui é pensada no assujeitamento de indivíduos a formações discursivas num processo que gera a identidade, esta que é um enclausuramento do sujeito, que está se adaptando ao meio em que está inserido e assumindo discursos que são inerentes a ele, portanto, a constituição da identidade é um processo de subjetivação dos sujeitos, estes que têm várias formas de se subjetivarem, mas nunca fora da história, nunca fora das potencialidades e possibilidades do contexto frente a sua criatividade, pois eles só existem enquanto construção social. Os indivíduos se posicionam no discurso porque veem nele uma possibilidade de evidência, se a formação discursiva é disponível, o indivíduo se apropria, pois o sujeito e o sentido se estabelecem automaticamente e concomitantemente, o indivíduo torna-se sujeito de determinada ordem de discurso pautada em funções discursivas específicas de acordo com interesses de grupos e sujeitos possíveis disponíveis no assujeitamento de indivíduos e nas relações de poder em que estes se inserem, portanto, o sujeito só existe no discurso (FOUCAULT. 1996).

O poder exercido nas relações sociais tem o sujeito como seu mais importante efeito. O poder, pensado sob um escopo foucaultiano, pode ser percebido nos discursos ou nas técnicas disciplinares das práticas do corpo, em

que os corpos são tornados dóceis, ou seja, as práticas dos sujeitos são enquadradas na dinâmica social presente, logo o controle da sociedade pela sociedade materializa-se no controle do sujeito. Assim, a estrutura social é, também, o resultado de estratégias de sujeitos que exercem o poder em esferas que organizam esta estrutura, principalmente porque estes poderes geram saberes, que em si já são um exercício de poder, pois se produzem como verdades, e a classificação do que é verdade, é um exercício pleno de poder pelos sujeitos, exercício este, que é legitimado por outros sujeitos.

*Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças. Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma “apropriação”, mas a disposições, a manobras táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvenda nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade. (FOUCAULT, M. 1986 p.28).*

Bourdieu usa o termo agente por pensar este enquanto singular, dotado de uma cognição que se incorpora de habitus, e o conceito de sujeito não é pensado como singular por Foucault, mas ao ser retomado aqui queremos apresentá-lo como uma condição, um objeto de conhecimento, um sujeito, de forma a entender a cognição singular do agente como uma possibilidade disponível de assujeitamento do indivíduo. A subjetividade, em Foucault, é um produto discursivo, posto que se constitui na produção de saberes sobre indivíduos e realidades.

O que queremos demonstrar é que por mais singular e individual que o indivíduo possa ser, ele só torna-se um agente social singular porque materializa-se nas práticas de sujeito, estas que são infundáveis e os assujeitam à diversas ordem discursivas que ao serem incorporadas desigualmente por cada um, são reproduzidas heterogeneamente, sendo a própria cognição uma possibilidade de assujeitamento que as práticas de sujeito inserem no indivíduo, posto que, se o indivíduo possui uma cognição que transgrida a normalidade da sociedade, ele é enquadrado como louco ou doente.

Estes múltiplos sujeitos possibilitados por incontáveis interações e relações de poder dispersas em todos os níveis sociais abrem a possibilidade de múltiplos horizontes de ação, mas sempre num horizonte possível que se expande a cada movimento dialético da sociabilidade, permitindo que o indivíduo seja livre entre o limite e a possibilidade.

O processo histórico pertence ao indivíduo enquanto sujeito, o sujeito é



resultado de discursos produzidos que promovem a sujeição, mas no limite, mesmo em sujeição, há originalidade e criatividade neste sujeito, porém atrelado ao seu inconstante contexto social que junto das subjetividades geram novas possibilidades de sujeitos e, portanto, novas possibilidades de realidade.

## Referências

- JARDIM, Maria A. Chaves; CAMPOS, Ricardo Sapia. **A Construção social dos mercados e a crítica da Ciência Econômica**. REDD – Revista de Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v. 4, n. 2, Jan/Jul. 2012.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas**. In: Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 99-138.
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **O novo espírito do Capitalismo**. São Paulo: WMFMartinsfontes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **Las estructuras sociales de la economia**. Barcelona: Anagrama, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Desencantamento do mundo** Estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Elos: Perspectiva, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Esboço de uma teoria da prática**: precedido de três estudos de etnologia kabila. Oeiras: Celta, 2002 [1972].
- \_\_\_\_\_. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Langage et pouvoir symbolique**. Paris: Payot, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BURAWOY, Michael. **O marxismo encontra Bourdieu**. Boitempo, 2012
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo** – Comentários sobre a sociedade do espetáculo, Rio de Janeiro: Contraponto. 1997.
- FOUCAULT, Michel. A criação do biopoder, IN: **Defesa da sociedade**, São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 4ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. O sujeito e Poder. IN: DREYFUS, H. e RABINOW, P. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. **Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 253 – 291.
- \_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GIDDENS, A.; TURNER, J [ORG] **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- Marx, Karl: **O Capital**, Crítica da Economia Política. Livro I. São Paulo: Civilização brasileira. 2008.
- POLANYI, Karl. **A grande transformação**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.



SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis:

Vozes. 2000.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. IN: SOUZA, Jessé e ÔELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB. 1998. p. 23-40.

\_\_\_\_\_. **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 5ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

### **From individual to discourse**

#### ABSTRACT

The present text aims at analyzing the theory of praxis elaborated by Pierre Bourdieu and interpreting it from Michel Foucault's reflections on subjects and discourses, in order to place both perspectives in sustainable dialogue.

Keywords: Individual, subject, discourse, sociability.